

CCD LIVRE DA POEIRA



Por Lilian Rosseti

Os chamados ciscos dos CCDs das câmeras digitais com lentes recambiáveis incomodam fotógrafos

A poeira é, sem dúvida, a grande vilã das câmeras digitais do tipo SLR (Single Lens Reflex) - as mais atingidas por terem suas objetivas cambiáveis. Seu acúmulo, ou um cisco (seja um pêlo ou um grão de pó), que teima em não sair do CCD (Charge Coupled Devide) figuram entre as queixas mais constantes dos usuários, que recorrem ao serviço de oficinas autorizadas. Para aqueles que não se incomodam e até precisam ou já habituaram a retocar as imagens, os programas de manipulação ainda são - e parece que por um bom tempo continuarão sendo - uma mão na roda. Não há como driblar a poeira. Ela faz parte do meio ambiente. Há, no entanto, procedimentos para manter a área onde está o sensor livre dela. Pincéis macios e sopradores (fuc-fuc) são acessórios salvadores da pátria quando a poeira entra em cena. Os equipamentos mais modernos dispõem do modo especial (Sensor Cleaning). Através dele, o usuário tem acesso automático ao CCD. Sua câmera não possui esta função? Com um truque manual é possível realizar a mesma operação. Só não se esqueça nunca do pincel e do soprador.

Nos modelos mais antigos de câmeras digitais como a Canon EOS1, os chamados filtros antialiasing (algo traduzido como um fenômeno indesejado para a foto digital, ou um ruído, que poderia ser gerado na correção de cores) funcionavam como uma barreira natural contra o pó. Este filtro tinha a função de corrigir cores. Hoje, o antialiasing vem incorporado ao sensor da câmera digital. "Ele existe na

superfície do CCD, e não mais à frente dele, o que por acaso servia como uma proteção contra a poeira.”, lembra Maurício Namba, da Cine Camera Service, serviço autorizado da Canon, em São Paulo. Namba destaca, no entanto, que não sabe até que ponto o antialiasing protegia tanto porque não havia vedação. Mas, que, sem dúvida, ele protegia bem. “Pode até ser que os equipamentos voltem a ter este filtro para a proteção. No entanto, sabemos que tudo o que fica entre o plano do filme, onde está o sensor, e a objetiva, influi diretamente na foto. Quem sabe a idéia de hoje não se ter este filtro é porque existia algum problema relacionado à qualidade ótica da imagem. Pior do que a poeira que pode ser eliminada.”, pondera.

Além deste tipo de filtro fazer parte do sensor nas câmeras mais modernas, corrigindo cores, ele agora é feito para não atrair pó. A superfície estática pode até ser atingida pela poeira, que poderá ser removida facilmente com um soprador. “Por isso, em vez do filtro, agora as câmeras têm uma função que permite ao fotógrafo ter acesso visual ao sensor e poder soprá-lo com uma bomba própria, tirando a poeira grudada nele.”, explica. O modo a que Namba se refere é a limpeza de sensor (Sensor Cleaning). O único cuidado é ter pilhas bem carregadas, ou ainda usar a fonte de alimentação da tomada para que não haja corte de energia. Ainda, segundo ele, com a característica de não aderir poeira e a função de limpeza de sensor, os fabricantes entendem que o problema estaria resolvido.

O truque manual para as câmeras que não possuem a função de sensor cleaning, que dá acesso ao CCD, consiste em deixar o equipamento numa velocidade bem baixa, e da mesma forma ter acesso ao sensor. Com um pincel de cerdas macias e um soprador de tamanho médio, ou até maior, à mão, é possível realizar a limpeza com sucesso. O pincel é usado na limpeza da caixa de espelho, sem encostar nas cortinas, e com o soprador finaliza-se a operação.

Namba desaconselha a limpeza física, com o uso de cotonetes ou outro material, porque poderá riscar o CCD. “Não dá para saber o que está na superfície dele. Se for um grão de areia, o dano é irreversível. E uma vez o CCD riscado, não tem como apagar. Assoprar o pó com a boca é desaconselhável, pois a saliva causará um problema sério”, destaca.

Dependendo do uso da câmera, os ciscos podem ser até um detalhe. Na verdade, para o fotojornalismo, por exemplo, muitas vezes o importante é a obtenção da imagem mesmo sem foco e tremida do que uma foto clara e perfeita. “Os profissionais estão mais preocupados com o número de fotos que podem ser feitas por segundo, se a câmera é resistente”, ressalta Namba. De acordo com ele, os problemas acontecem mais com o amador, ou o usuário que por excesso de zelo quer manter a câmera sempre impecável e

realmente cada pozinho acaba incomodando. "Eles gastam muito mais com a manutenção do que o profissional, que não mexe tanto na câmera", compara.